Cuidado redobrado entre jovens

Adolescentes são mais vulneráveis à infecção por HPV, associada ao câncer de colo do útero

Roberta Monteiro

Pesquisa realizada pela Fiocruz revela que a presença de lesões causadas por papiloma vírus humano (HPV) é alta entre adolescente logo no início da vida sexual. Estudo conduzido em uma unidade pública de saúde no Rio de Janeiro aponta que até uma em cada quatro adolescentes já apresenta lesões logo nos primeiros anos após o início da vida sexual. Este número chega a 40% entre as mulheres com cinco anos de vida sexual. O levantamento foi feito pela ginecologista Denise Monteiro, doutora em Saúde da Criança e da Mulher pelo Instituto Fernandes Figueira (IFF/Fiocruz), e alerta para os cuidados especiais que devem ser dedicados a esta faixa etária.

O colo do útero é o segundo local mais comum de instalação do câncer entre as mulheres, perdendo para mama. Transmitido sexualmente, o HPV está associado ao desenvolvimento do câncer de colo de útero. A cada ano, ocorrem aproximadamente 510 mil novos casos da doença, com 288 mil óbitos por ano em todo

o mundo. O diagnóstico é simples e pode ser realizado em exames ginecológicos de rotina.

Estudo acompanhou jovens nos primeiros anos da vida sexual

Denise Monteiro investigou os atendimentos realizados no Serviço de Ginecologia para Adolescentes do Hospital de Jacarepaguá, instituição pública na cidade do Rio de Janeiro pertencente ao Ministério da Saúde. Ela coordena o Setor de Ginecologia para Adolescentes desde sua criação, em 1993.

Entre 1993 e 2006, Denise acompanhou 403 adolescentes por um período de cinco anos após o início da atividade sexual. Entre elas, 147 apresentaram alterações citológicas nos exames realizados. Do total de adolescentes acompanhadas, 113 apresentaram lesões intraepiteliais de baixo grau. Em 12 jovens, foram detectadas lesões de alto grau – aquelas que possuem potencial oncogênico relevante. Nas outras 22 jovens, o exame indicou algum grau de anormalidade, mas não identificou se tratava-se de uma lesão de baixa gravidade ou de outro problema.

Denise observou a incidência de 24,1% de lesões cervicais no primeiro ano de atividade sexual no grupo estudado e a redução nos quatro anos subseqüentes, com variação entre 3 e 8%. Os dados apontam que a maioria das lesões regride com o tempo em grande número de casos, assim como é observado em outras faixas etárias. "Nosso trabalho reforça a importância da detecção precoce das lesões nas adolescentes, o que seria viabilizado pelo acesso das jovens sexualmente ativas aos programas de rastreamento, minimizando o impacto sobre sua saúde sexual e reprodutiva", destaca a médica.

Vulnerabilidade típica da idade

A especialista explica que as adolescentes são mais vulneráveis a qualquer doença sexualmente transmissível, não apenas ao HPV. "Como o primeiro contágio por HPV ocorre mais frequentemente no início da vida sexual, do mesmo modo que a maioria das doenças sexualmente transmissíveis, a prevalência do vírus entre os jovens é maior", explica a médica. "Por isso, é importante realizar periodicamente o exame preventivo, já que permite identificar as lesões pré-cancerosas para que elas não evoluam para um câncer de colo de útero", acrescenta.

A médica diz ainda que grande parte dos casos de infecção por HPV não está associada a sintomas. Entretanto, nos casos persistentes, a infecção pelo HPV pode levar ao desenvolvimento de lesões que antecedem o câncer do colo do útero. "Felizmente, confirmamos grande taxa de regressão dessas lesões, chegando a 50% nos casos de lesões de alto grau e até 90% nas de baixo grau. No Brasil, estima-se que 3% das mulheres infectadas por um tipo viral oncogênico de HPV poderá desenvolver câncer de colo uterino se não forem adotadas medidas preventivas", destaca Denise. A estimativa do Instituto Nacional do Câncer (Inca) é que se possa reduzir 80% da mortalidade por câncer cervical com o rastreamento adequado da doença por meio da ampla difusão do teste de Papanicolau e com o tratamento das lesões com alto potencial de evoluírem para malignidade.

Em pesquisa anterior, também realizada com pacientes do Hospital de Jacarepaguá, Denise apontou a importância de não associar a doença exclusivamente à promiscuidade, pois a maior parte das pessoas entra em contato com o vírus no início da vida sexual e não apenas porque teve muitos parceiros. Outro engano comum é a mulher que faz o exame regularmente achar que, necessariamente, adquiriu a doença recentemente ou que foi infectada pelo último parceiro. "Os sinais da infecção pelo HPV podem aparecer em qualquer momento da vida, semanas ou anos após a infecção. É importante que a lesão de alto grau seja diagnosticada e tratada, impedindo que evolua para o câncer de colo uterino", ressalta a ginecologista.

Desafios no combate à doença

Para Denise, a saúde dos adolescentes constitui grande desafio para a saúde pública, uma vez que ainda há dificuldade em relação ao acesso a informações e serviços adequados para o atendimento de suas necessidades em saúde sexual e reprodutiva. Outra questão que preocupa a pesquisadora é o fato de a pessoa com HPV não apresentar sintomas que levem a procurar tratamento médico, com exceção dos casos em que surgem verrugas genitais.

Apesar de também serem vítimas do HPV, os homens sofrem menos com a doença. O risco de câncer de pênis associado ao vírus é muito inferior ao do colo uterino. Os únicos sinais, quando eles aparecem, são verrugas. Por isso, muitos portadores podem nunca saber que têm o vírus, aumentando as chances de transmissão. Outra dificuldade são as estratégias de prevenção disponíveis: o uso da camisinha diminui bastante a possibilidade de transmissão do HPV na relação sexual e, apesar de não evitar totalmente o contágio, é recomendado em qualquer tipo de relação sexual, mesmo entre casais estáveis, já que protege de forma eficaz contra muitas outras doenças de transmissão sexual, inclusive a Aids.

Vacina não significa descuido na prevenção

Existem mais de 100 tipos de papiloma vírus humano (HPV), dos quais 40 infectam a região genital. Destes, 15 podem estar associados à ocorrência de câncer. A maioria das infecções é ocasionada por apenas quatro tipos de HPV: os tipos 16 e 18 (de alto risco) são responsáveis por 70% dos casos de câncer de colo de útero e os tipos 6 e 11 (de baixo risco) causam 90% das verrugas genitais.

A médica explica que existem duas vacinas contra a infecção por HPV. Ambas são profiláticas, ou seja, devem ser aplicadas preferencialmente antes de iniciada a atividade sexual. "Embora as vacinas sejam eficientes, a rotina do exame preventivo deve continuar, pois nem todos os tipos de HPV são prevenidos pela vacinação", alerta Denise.